

A mensagem da alegria ressoou, então, na comunidade inteira. Jesus ressuscitara! O Evangelho era a verdade imutável. Em todos os corações pairava uma divina embriaguez de luz e jubilos celestiais. Levantava-se a fé, renovava-se o amor, morrera a dúvida e reerguera-se o animo em todos os espiritos. Na amplitude da vibração amorosa, outros olhos puderam vê-lo e outros ouvidos lhe escutaram a voz dulçurosa e persuasiva, como nos dias gloriosos de Jerusalém ou de Cafarnaum.

Desde essa hora, a família cristã se movimentou no mundo, para nunca mais esquecer o exemplo do Messias.

A luz da ressurreição, através da fé ardente e do ardente amor de Maria Magdalena, havia banhado de claridade imensa a estrada cristã, para todos os seculos terrestres.

\*

E' por isso que todos os historiadores das origens do Cristianismo param a pena, assombrados ante a fé profunda dos primeiros discipulos que se dispersaram pelo deserto das grandes cidades, para a pregação da Boa Nova e, observando a confiança serena de todos os martires que se têm sacrificado na esteira infinita do tempo pela idéia de Jesus, perguntam espantados, como Ernesto Renan, numa de suas obras:

— Onde está o sabio da Terra que já deu ao mundo tanta alegria, como a carinhosa Maria de Magdala?

## XXIII

### O SERVO BOM

A condenação das riquezas se firmara no espirito dos discipulos com profundas raizes, a tal ponto que, por varias vezes, foi Jesus obrigado a intervir, de maneira a pôr termo a contendas injustificaveis. De vez em quando, Tadeu parecia querer impor aos assistentes das pregações do lago a entrega de todos os bens aos necessitados; Felipe não vacilava em afiançar que ninguem deveria possuir mais que uma camisa, constituindo uma obrigação tudo dividir com os infortunados, privando-se cada qual do indispensavel á vida.

— E quando o pobre nos surge somente nas apparencias? — replicava judiciosamente Leví. — Conheço homens abastados que choram na coletoria de Cafarnaum, como miseraveis mendigos, apenas com o fim de se eximirem dos impostos. Sei de outros que estendem as mãos á caridade publica e são proprietarios de terras dilatadas. Estariamos edificando o Reino de Deus, se favorecessemos a exploração?

— Tudo isso é verdade — redarguia Simão Pedro. Entretanto, Deus nos inspirará sempre, nos momentos oportunos, e não é por essa razão que deveremos abandonar os realmente desamparados.



Leví, porém, não se dava por vencido e re-trucava:

— A necessidade sincera deve ser objeto incessante de nosso carinhoso interesse; mas, em se tratando dos falsos mendigos, é preciso considerar que a palavra de Deus nos tem vindo pelo Mestre, que nunca se cansa de nos aconselhar vigilância. E' imprescindível não viciarmos o sentimento de piedade, ao ponto de prejudicarmos os nossos irmãos no caminho da vida.

O antigo cobrador de impostos expunha assim a sua maneira de ver; mas Felipe, agarrando-se á letra dos ensinamentos, obtemperava com enfase:

— Continuarei acreditando que é mais fácil a passagem de um camelo pelo fundo de uma agulha do que a entrada de um rico no Reino do Céu.

Jesus não participava dessas discussões, porém sentia as duvidas que pairavam no coração dos discípulos e, deixando-os entregues aos seus raciocínios próprios, aguardava oportunidade para um esclarecimento geral.

•

Passava-se o tempo e as pequenas controvérsias continuavam acesas.

Chegara, porém, o dia em que o Mestre se ausentaria da Galiléia para a derradeira viagem a Jerusalém. A sua última ida a Jericó, antes do suplicio, era aguardada com curiosidade imensa. Grandes multidões se apinhavam nas estradas.

Um publicano abastado, de nome Zaqueu, conhecia o renome do Messias e desejava vê-lo. Chefe prestigioso na sua cidade, homem rico e energético, Zaqueu era, porém, de pequena estatura, tanto assim que, buscando satisfazer ao seu desejo ar-

dente, procurou acomodar-se sobre um sicômoro, levado pela ansiosa expectativa com que esperava a passagem de Jesus. Coração inundado de curiosidade e de sensações alegres, o chefe publicano, ao aproximar-se o Messias, admirou-lhe o porte nobre e simples, sentindo-se magnetizado pela sua indefinível simpatia. Altamente surpreendido, verificou que o Mestre estacionara a seu lado e lhe dizia com acento íntimo:

— Zaqueu, desce dessa árvore, porque hoje necessito de tua hospitalidade e de tua companhia.

Sem que pudesse traduzir o que se passava em seu coração, o publicano de Jericó desceu de sua improvisada galeria, possuído de imenso júbilo. Abraçou a Jesus com prazer espontâneo e ordenou todas as providências para que o querido hospede e sua comitiva fossem recebidos em casa com a maior alegria. O Mestre deu o braço ao publicano e escutava atento as suas observações mais insignificantes, com grande escândalo da maioria dos discípulos. Não se tratava de um rico que devia ser condenado? perguntava Felipe a si próprio. E Simão Pedro refletia intimamente: — “Como justificar tudo isto, se Zaqueu é um homem de de dinheiro e pecador perante a lei?”

A breves instantes, porém, toda a comitiva penetrava a residência do publicano, que não ocultava o seu contentamento inextinguível. Jesus lhe seduzira as atenções, tocando-lhe as fibras mais íntimas do Espírito, com a sua presença generosa. Tratava-se de um hospede bem amado, que lhe ficaria eternamente no coração.

Aproximava-se o crepúsculo, quando Zaqueu mandou oferecer uma leve refeição a todo o povo, em sinal de alegria, sentando-se com Jesus e os seus discípulos sob um vasto alpendre. A palestra versava sobre a nova doutrina e, sabendo que o Mestre não perdia ensejo de condenar as riquezas criminosas do mundo, o publicano esclarecia, com toda a sinceridade de sua alma:



— Senhor, é verdade que tenho sido observado como um homem de vida reprovável; mas, desde muitos anos, venho procurando empregar o dinheiro de modo que represente benefícios para todos os que me rodeiem na vida. Compreendendo que aqui em Jericó havia muitos pais de família sem trabalho, organizei multiplos serviços de criação de animais e de cultivo incessante da terra. Até de Jerusalém, muitas famílias já vieram buscar, em meus trabalhos, o indispensavel recurso á vida!...

— Abençoado seja o teu esforço! — replicou Jesus cheio de bondade.

Zaqueu ganhou novas forças e murmurou:

— Os servos de minha casa nunca me encontraram sem a sincera disposição de servi-los.

— Regosijo-me contigo — exclamou o Messias — porque todos nós somos servos de Nosso Pai.

O publicano, que tantas vezes fôra injustamente acusado, experimentou grande satisfação. A palavra de Jesus era uma recompensa valiosa á sua consciencia dedicada ao bem coletivo. Extasiado, levantou-se e, estendendo ao Cristo as mãos, exclamou alegremente:

— Senhor, Senhor, tão profunda é a minha alegria, que repartirei hoje com todos os necessitados a metade dos meus bens e se nalguma coisa tenho prejudicado a alguém, indeniza-lo-ei, quadruplicadamente!...

Jesus o abraçou com um formoso sorriso e respondeu:

— Bemaventurado és tu que agora contemplas em tua casa a verdadeira salvação.

Alguns dos discipulos, notadamente Felipe e Simão, não conseguiam ocultar as suas deduções desagradaveis. Mais ou menos aferrados ás leis judaicas e atentando somente no sentido literal das lições do Messias, estranhavam aquela afabilidade de Jesus, aprovando os atos de um rico do mundo, confessadamente publicano e pecador. E, como o dono da casa se ausentasse da reunião por

alguns minutos, afim de providenciar sobre a vinda de seus filhos para conhecerem o Messias, Pedro e outros prorromperam numa chuva de pequeninas perguntas. Porque tamanha aprovação a um rico mesquinho? As riquezas não eram condenadas pelo Evangelho do Reino? Porque não se hospedarem numa casa humilde e sim naquela vivenda suntuosa, em contraposição aos ensinios da humildade? Poderia alguém servir a Deus e ao mundo de pecados?

O Mestre deixou que cessassem as interrogações e esclareceu, com generosa firmeza:

— Amigos, acreditais, porventura, que o Evangelho tenha vindo ao mundo para transformar todos os homens em miseraveis mendigos? Qual a esmola maior: a que socorre as necessidades de um dia ou a que adota providencias para uma vida inteira? No mundo vivem os que entesouram na terra e os que entesouram no céu. Os primeiros escondem suas possibilidades no cofre da ambição e do egoismo e, por vezes, atiram uma moeda dourada ao faminto que passa, procurando livrar-se de sua presença; os segundos ligam suas existencias a vidas numerosas, fazendo de seus servos e auxiliares de esforço a continuação de sua propria familia. Estes ultimos sabem empregar o sagrado deposito de Deus e são seus mordomos fieis, á face do mundo.

Os apostolos ouviam-no espantados. Felipe, desejoso de se justificar, depois da argumentação incisiva do Cristo, exclamou:

— Senhor, eu não compreendia bem, porque trazia o meu pensamento fixado nos pobres que a vossa bondade nos ensinou a amar.

— Entretanto, Felipe — elucidou o Mestre — é necessario não nos perdermos em viciações do sentimento. Nunca ouviste falar numa terra pobre, numa arvore pobre, em animais desamparados? E, acima de tudo, nesses quadros da natureza a que Zaqueu procura atender, não vês o homem, nosso



irmão? Qual será o mais infeliz: o mendigo sem responsabilidade, a não ser a de sua própria manutenção, ou um pai carregado de filhinhos a lhe pedirem pão?

Como André o observasse, com grande brilho nos olhos, maravilhado com as suas explicações, o Mestre acentuou:

— Sim, amigos! ditosos os que repartirem os seus bens com os pobres; mas, bemaventurados também os que consagrarem suas possibilidades aos movimentos da vida, cientes de que o mundo é um grande necessitado, e que sabem assim servir a Deus com as riquezas que lhes foram confiadas!

Em seguida, Zaqueu mandou servir uma grande mesa ao Senhor e aos discípulos, onde Jesus partiu o pão, partilhando do contentamento geral. Impulsionado por um júbilo insopitável, o chefe publicano de Jericó apresentou seus filhos a Jesus e mandou que seus servos festejassem aquela noite memorável para o seu coração.

Nos terreiros amplos da casa, crianças e velhos felizes cantaram hinos de cariciosa ventura, enquanto jovens em grande numero tocavam flautas, enchendo de harmonias o ambiente.

Foi então que Jesus, reunidos todos, contou a formosa parábola dos talentos, conforme a narrativa dos apóstolos, e foi também que, pousando enternecido e generoso olhar sobre a figura de Zaqueu, seus lábios divinos pronunciaram as imorredoiras palavras: — "Bemaventurado sejas tu, servo bom e fiel!"

## XXIV

### A ILUSÃO DO DISCIPULO

Jesus havia chegado a Jerusalém sob uma chuva de flores.

De tarde, após a consagração popular, caminhava Tiago e Judas, lado a lado, por uma estrada antiga, marginada de oliveiras, que conduzia às casinhas alegres de Betania.

Judas Iscariote deixava transparecer no semblante íntima inquietação, enquanto no olhar sereno do filho de Zebedeu fulgurava a luz suave e branda que consola o coração das almas crentes.

— Tiago — exclamou Judas, entre ansioso e atormentado — não achas que o Mestre é demasiado simples e bom para quebrar o jugo tirânico que pesa sobre Israel, abolindo a escravidão que oprime o povo eleito de Deus?

— Mas — replicou o interpelado — poderias admitir no Mestre as disposições destruidoras de um guerreiro do mundo?

— Não tanto assim. Contudo, tenho a impressão de que o Messias não considera as oportunidades. Ainda hoje, tive a atenção reclamada por doutores da lei que me fizeram sentir a inutilidade das pregações evangelicas, sempre levadas a efeito entre as pessoas mais ignorantes e desclassifica-